

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA EQUOTERAPIA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Marília Gabriela Costa Rezende¹
Jéssica Oliveira Resende²
Lidiane Ferreira da Silva³

Resumo: A equoterapia é um método terapêutico interdisciplinar que utiliza o cavalo como agente terapêutico e se baseia na relação triangular entre praticante, profissional e cavalo. O uso do cavalo em tratamentos de saúde é recomendado há muito tempo, mas somente após o século XX ganha destaque. O presente trabalho é decorrente do projeto de extensão “Equoterapia” realizado no Centro de Equoterapia Passo Livre em Mineiros-GO e visa investigar como se dá a prática do psicólogo em um centro de equoterapia, compreendendo quais são as suas atribuições, os limites e os desafios da prática, por meio de uma revisão bibliográfica de análise qualitativa. Percebe-se uma escassez de materiais publicados sobre essa temática, bem como a falta de investimentos nos próprios centros de equoterapia que muitas vezes carecem de profissionais e de uma estrutura adequada para realizar os atendimentos. Isso aponta para a necessidade de aprofundar os estudos na área, dando maior visibilidade à mesma, contribuindo com o desenvolvimento de práticas e teorias que possam auxiliar o profissional e trazer benefícios à população atendida pelos centros.

Palavras-chave: Equoterapia. Interdisciplinaridade. Psicologia.

INTRODUÇÃO

A equoterapia é um método terapêutico interdisciplinar que utiliza o cavalo como recurso terapêutico na promoção do desenvolvimento global do praticante a partir da integração de profissionais de diversas áreas como pedagogia, psicologia, educação física, fonoaudiologia, fisioterapia e outros. O cavalo atua em diversas esferas, possibilitando benefícios no desenvolvimento motor, psicológico, social e da linguagem, cabendo ao profissional mediar a relação humano-cavalo. O uso do cavalo para tratamentos de saúde é citado desde a Grécia Antiga por Hipócrates, mas apenas a partir da Segunda Guerra Mundial ganhou destaque como método de tratamento, sendo direcionado, na época, aos feridos de guerra (BARETTA, SEHNEM, 2018).

No Brasil, a prática foi reconhecida como método terapêutico em 1997 pelo Conselho Federal de Medicina após a criação da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL) em 1989 que possibilitou a criação de outras associações e de centros de equoterapia. Atualmente, para a abertura de um centro é imprescindível que os membros da equipe tenham especialização oferecida pela associação e o centro seja credenciado à associação. No

¹ Acadêmica do curso de Psicologia no Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), pesquisadora júnior vinculada ao NEPEM. Email: mar_iliagab@hotmail.com.

² Acadêmica do curso de Psicologia no Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES).

³ Docente e coordenadora do curso de psicologia UNIFIMES.

entanto, é possível perceber que, apesar da expansão da prática pelo país, esse processo ainda é recente e, por isso, ainda apresenta fragilidades como no que diz respeito à formação dos profissionais, à estrutura dos centros, entre outros (SILVA, DA SILVA, 2017).

Nesse contexto, o psicólogo atua em diversas funções, sendo responsável pelo acompanhamento do praticante durante todo o processo, desde o primeiro contato com o praticante ou responsável até o período de alta. Ele participa realizando a entrevista inicial de anamnese ou até mesmo um processo de avaliação psicológica para identificar a dinâmica da personalidade do indivíduo e seus sintomas, além de participar do acompanhamento e evolução do praticante por meio do trabalho multidisciplinar e orientação familiar e do encerramento do tratamento. No entanto, a prática desenvolvida por esse profissional muito se difere da sua atuação em outros contextos. Na equoterapia ele tem de lidar com diversas variáveis externas que interferem no processo terapêutico e que serão discutidas mais adiante nesse texto (SILVA, DA SILVA, 2017).

Diante disso, esse trabalho é fruto do desenvolvimento do projeto de extensão “Equoterapia” realizado no Centro de Equoterapia Passo Livre em Mineiros-GO, partindo do interesse de duas estudantes de psicologia em investigar como se dá a prática do psicólogo em um centro de equoterapia, compreendendo quais são as suas atribuições, os limites e os desafios da prática. Para finalizar, a escolha do tema se justifica pela escassez de materiais publicados sobre o assunto, bem como a falta de investimentos nos próprios centros de equoterapia que muitas vezes carecem de profissionais e de uma estrutura adequada para realizar os atendimentos. Isso aponta para a necessidade de aprofundar os estudos na área, dando maior visibilidade à mesma, contribuindo para o desenvolvimento de práticas e teorias que possam auxiliar o profissional e trazer benefícios à população atendida pelos centros.

METODOLOGIA

O presente trabalho é derivado do projeto de extensão “Equoterapia Passo Livre” realizado no Centro de Equoterapia Passo Livre de Mineiros, em Mineiros - Goiás. Durante o projeto as acadêmicas puderam conhecer a rotina do centro e atuar como auxiliar lateral, acompanhando não só a prática do psicólogo como também dos demais profissionais que lá atuam. Durante esse período foi possível observar a relação da equipe entre si e com a comunidade e o desenvolvimento dos praticantes no decorrer do tratamento. Além disso, foram pesquisados textos que abordam a atuação do psicólogo em centros de equoterapia bem

como os fundamentos do tratamento. A metodologia desse trabalho se trata portanto de uma revisão bibliográfica de análise qualitativa, pois busca articular os principais escritos sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Resgatando um pouco da história e do surgimento da equoterapia, é possível perceber que se trata de uma prática muito antiga que remonta desde a Grécia Antiga. Hipócrates (458 a.C. - 377 a.C.), figura importante na história da medicina, foi o primeiro a citar o uso da prática da equitação com fins terapêuticos, destacando seus benefícios para a saúde. Além dele, Asclepiades da Prússia (124 a.C – 40 a.C.), Galeno (130 a.C. – 199 a.C.) e vários outros profissionais e pesquisadores da área da saúde mencionaram a importância do cavalgar do ponto de vista terapêutico. A partir da Primeira e Segunda Guerra Mundial começam a ser desenvolvidas práticas equoterapêuticas em diversos países e, a partir disso, trabalhos e eventos científicos para a difusão do método (FERRARI, 2003).

A equoterapia chegou no Brasil a partir de 1988, quando um grupo de brasileiros foi à Europa para estudar profundamente sobre o método. Já no ano seguinte ocorreu a fundação da ANDE-BRASIL (Associação Nacional de Equoterapia) em maio de 1989. O primeiro Congresso Brasileiro de Equoterapia ocorreu em Brasília em 1999 e no mesmo ano o termo equoterapia foi registrado no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) do Ministério do Desenvolvimento, do Comércio e da Indústria. Em tempos hodiernos, nota-se um constante crescimento, que ocupa, de forma crescente, um espaço considerável no âmbito da reabilitação. Apesar da Itália possuir as mais evoluídas técnicas equoterápicas, no Brasil, há vários cursos de nível inicial até a especialização da temática (FERRARI, 2003).

O princípio do tratamento baseia-se no movimento tridimensional do cavalo que envolve os planos vertical, horizontal e lateral, sendo muito semelhante ao andar humano e, por isso, indicado na reabilitação fisioterapêutica, pois incentiva o ajuste tônico do praticante, mobilizando vários níveis de sua musculatura. Além disso, o contato com esse animal promove mudanças a nível psicológico, educacional e social e as equipes são compostas por diversos profissionais que realizam um atendimento interdisciplinar. No entanto, há algumas contra indicações do método como é citado em casos de instabilidade postural, alergias, fobias e disfunções fisioterápicas osteomusculares graves que devem ser observadas (BARETTA, SEHNEM, 2018).

Outro ponto que merece destaque diz respeito à estrutura dos centros, que é de fundamental importância para a execução da prática. É necessário que os centros apresentem um espaço adequado geralmente em ar livre ou em picadeiros para a realização das atividades, as quais devem ser embasadas nos métodos equoterapêuticos e na capacitação dos profissionais. Para que a equipe possa proporcionar um atendimento adequado, é necessário estar atento à diversas variáveis como: o temperamento do cavalo, o tipo de andadura, o espaço físico, as vestes dos participantes além dos testes e avaliações médica, fisioterápica e psicológica que apontam se o sujeito está dentro das indicações, ou seja, habilitado para realizar tal atividade. Depois de assegurar todos os parâmetros de segurança ao paciente, é de extrema importância acompanhar suas limitações, o seu estado e a atual fase para, somente assim, encaminhá-lo para o atendimento (FERRARI, 2003).

Durante um atendimento tudo deve ser pensado desde os equipamentos a serem utilizados até o percurso a ser realizado. A escolha do animal é de fundamental importância, pois a própria amplitude do passo pode gerar efeitos diversos no praticante. As passadas são caracterizadas pela literatura em antepistar, sobrepistar e transpistar e cada uma exerce graus diversos de influência sobre a movimentação do praticante. O cavalo que transpista ao pisar com a pata posterior ultrapassa a pata anterior, ao sobrepistar a pata posterior alcança o mesmo local da pegada da pata anterior e ao antepistar a pata posterior vai a frente da pata anterior, dando uma amplitude menor de passada. No entanto, para atingir o efeito desejado os equipamentos devem estar devidamente ajustados, considerando o tamanho do cavalo e do praticante para que este consiga permanecer numa postura adequada (PIEROBON, GALETTI, 2008).

Além das passadas, o temperamento do animal também deve ser levado em conta, pois cavalos agitados produzem efeitos diferentes em comparação aos cavalos mais calmos. Por exemplo, não é recomendado utilizar cavalos mais agitados para o atendimento de praticantes com extrema fobia ou ainda com praticantes com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, pois um animal assim oferece um número grande de estímulos que podem desencadear reações do praticante que podem incitar comportamentos defensivos do cavalo, colocando toda a equipe em uma situação de perigo (BARETTA, SEHNEM, 2018).

Nesse contexto, é muito importante que o cavalo esteja selado corretamente e o praticante esteja bem posicionado, alinhado ao centro de gravidade do animal, com os calcanhares alinhados aos ombros, mantendo uma boa postura corporal. Destaca-se três tipos principais de andaduras dos cavalos que podem ser utilizadas na equoterapia dependendo do

programa e da finalidade. O passo é uma andadura simétrica de quatro tempos do qual resulta o movimento tridimensional e traz maiores benefícios aos praticantes, enquanto o trote é uma andadura simétrica e saltada de dois tempos que exige maior equilíbrio do indivíduo montado e o galope que é uma andadura assimétrica, saltada de 3 tempos que resulta em maior velocidade e é utilizada apenas nos programas em que o praticante tem independência sobre a condução do animal (GONÇALVES, 2007).

Os atendimentos são de no mínimo 30 minutos, geralmente realizados ao ar livre ou em picadeiros, a equipe é composta por um guia que irá conduzir o cavalo, o terapeuta que irá direcionar o tratamento e um lateral que irá ao lado do praticante dando suporte ao terapeuta. Nem sempre o atendimento ocorre com o praticante montado, pois a realização de outras atividades como escovar, dar banho e alimentar também produzem benefícios terapêuticos e podem contribuir para a criação de um vínculo entre o praticante e o cavalo, por isso, são muitas vezes trabalhadas principalmente com aqueles que não montam logo de início. Ao longo do tratamento os profissionais realizam encontros para discutir o desenvolvimento do praticante e é comum que o mesmo praticante seja atendido por profissionais de diferentes especialidades (BARETTA, SEHNEM, 2018).

Convém salientar que o cavalo nunca está totalmente parado o que faz com que o praticante tenha que ajustar frequentemente seu corpo, promovendo uma série de estímulos físicos e psíquicos. Além disso, as sessões são realizadas ao ar livre e o próprio ambiente produz estímulos que podem auxiliar no processo terapêutico. Entre os benefícios do tratamento equoterápico destaca-se o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, cognitivas e motoras, o aumento da autoestima e autoconfiança, melhora na coordenação e equilíbrio, estimulação do desenvolvimento da linguagem e comunicação, entre outros (BARETTA, SEHNEM, 2018).

A ANDE-BRASIL estabelece 4 programas por meio dos quais pode se desenvolver um tratamento equoterápico, são eles: hipoterapia, educação, pré-esportivo e esportivo. Cada um requer um nível de independência diferente do praticante ao montar e, portanto, pode se iniciar o tratamento pelo programa mais básico até o praticante desenvolver habilidades para conduzir o cavalo num esporte. A hipoterapia é um programa de reabilitação em que se faz necessário a presença do guia para conduzir o cavalo e do lateral para segurar o praticante, ajudando-o a se equilibrar. Na educação, o praticante tem maior controle sobre o cavalo, mas ainda precisa desses profissionais para auxiliá-lo e o foco está no pedagógico. No pré-esportivo o praticante tem maior independência para conduzir o animal podendo realizar

exercícios esportivos, dá-se foco para a atuação do equitador. Já no esportivo o praticante poderá participar de competições paraolímpicas (GONÇALVES, 2007).

Para a psicologia, o trabalho com o cavalo facilita a criação de vínculos e a evocação de emoções e, por isso, o foco reside no momento presente. Podem ser trabalhados aspectos cognitivos por meio de atividades lúdicas e pedagógicas, comportamentos disfuncionais como agressividade e questões relacionadas à autoestima. O psicólogo pode atuar de diversas maneiras incidindo sobre aspectos como a sensação, a emoção, a percepção, a memória e a linguagem. Além disso, “o ato de cavalgar faz o indivíduo reviver sentimentos e emoções, e isto torna a equoterapia um método terapêutico facilitador de intervenção psicológica” (BARETTA, SEHNEM, 2018, p. 124).

O trabalho do psicólogo também é de fundamental importância durante a inserção do praticante e sua família no tratamento, sendo que muitas vezes o primeiro contato do indivíduo com o centro é direcionado para esse profissional. Assim, o psicólogo pode estar presente durante todo o processo, atuando no planejamento terapêutico, realizando intervenções e participando do momento de desligamento de um praticante em relação ao programa. No entanto, destaca-se a relevância da atuação desse profissional para aproximar a família do praticante ao centro, estabelecendo uma via de comunicação que é de suma importância para a eficácia do tratamento, visto que as intervenções terapêuticas devem se estender aos demais contextos de vida do praticante para que se possibilite uma real mudança, o que só é possível com o apoio familiar e a continuidade da estimulação também em casa (BARETTA, SEHNEM, 2018).

Há várias maneiras que podem ser feitas para a inserção do praticante no processo psicoterapêutico da equoterapia que deve se iniciar convidando a família para experimentar uma sessão, para andar a cavalo e conhecerem as atividades que seus filhos irão exercer. Depois disso, pode ser feita a aproximação do praticante com o animal em pequenos passos, sendo que nem sempre ele é colocado a montar de imediato, sendo o trabalho de chão também possível. Isso, segundo os autores, possibilita a criação de um vínculo entre eles e a equipe, trabalhando as angústias e medos que podem surgir no início da prática e, assim, destaca-se a importância da presença de um psicólogo na equipe para poder facilitar essa aproximação e a comunicação entre a família e o centro (BUENO, MONTEIRO, 2011).

Diante de todas essas circunstâncias, o papel do psicólogo, a priori, também deve ser a busca pelo entendimento, por meio da técnica de entrevista, de como funciona a dinâmica da deficiência do indivíduo para si mesmo e para o seu entorno. É um fator que interfere no

desenvolvimento, na aprendizagem, na construção da personalidade, na sua percepção sobre os eventos e até na sua própria deficiência e limites, nas emoções, afetos e vivências desse sujeito. Somente com esse conhecimento de forma profunda, o profissional da saúde mental conseguirá proporcionar um ambiente que conceda acolhimento e que facilite a auto aceitação do paciente e a elaboração de suas dificuldades e incentivo para suas próprias experimentações, vivências e desenvolvimento do seu verdadeiro self (eu) (FERRARI, 2003).

Ademais, outro ponto que se faz uma prioridade nesta pauta diz respeito ao psicólogo precisar adquirir conhecimento sobre inclusão, visto a exclusão a que esse público é submetido socialmente. Dessa forma, ele precisa conhecer também os aspectos biológicos das deficiências e em que elas podem afetar e afetam dentro da individualidade de cada um. Portanto, o psicólogo tem a oportunidade de desenvolver juntamente com o praticante vários aspectos da sua vida de forma a potencializar a sua contratualidade social. Além disso, esses profissionais podem promover uma melhor adaptação do sujeito a uma realidade pouco inclusiva (FERRARI, 2003).

A equoterapia é uma metodologia terapêutica que necessita de altos investimentos para manutenção dos equinos, para a disponibilização de todos os equipamentos de segurança para o praticante, de equipamentos que são utilizados pela equipe profissional interdisciplinar (testes psicológicos, jogos lúdicos, etc.) e de materiais relacionados à montaria, como arreios. Por isso, é necessário que os centros que oferecem essa prática tenham apoiadores que os financiem. Porém, mesmo assim, há dificuldades que assolam o funcionamento dos centros, não sendo diferente com o Centro de Equoterapia Passos Livres em Mineiros, Goiás. Esse centro possui parcerias com as faculdades locais, com a APAE, com a COMIVA, com a FAEG, com a IFAG e com o Sindicato Rural, mas há ainda certos desafios. O centro atende uma vez por semana, e quanto mais colaboradores estiverem vinculados ao projeto, maior será a possibilidade de ampliar os atendimentos, tendo em vista que a grande fila de espera para atendimentos nesse centro.

Toda essa conjuntura nos permite refletir sobre os limites e potencialidades da prática do psicólogo, pois num centro de equoterapia diversos fatores atravessam o exercício terapêutico como os estímulos ambientais, a família do praticante, os estímulos proporcionados pelo cavalo, entre outros. Tais fatores podem se apresentar como desafios ao psicólogo acostumado desde a sua formação a atuar num contexto clínico, mas o modo como ele irá lidar com isso, seja percebendo esses elementos como barreiras ou como ferramentas para sua intervenção, é que irá definir os limites de sua prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A equoterapia se apresenta como um método terapêutico que atende pessoas portadoras de deficiência e/ ou necessidade especiais. É uma prática considerada milenar que vem ganhando força recentemente. Sua atuação profissional é caracterizada por uma equipe interdisciplinar, da qual se faz importante e necessário investigar as práticas de cada segmento que compõem o processo, para que seja possível torná-la cada vez mais colaborativa. Esse método traz a necessidade de uma equipe capaz de atender as demandas físicas, cognitivas e motoras de um sujeito complexo e subjetivo, cujo funcionamento depende de seu organismo como um todo. Ou seja, é um trabalho em grupo, mas que é construído por contribuições individuais e específicas.

Nesse contexto, quando se percebe e observa a prática do Psicólogo nos centros equoterapêuticos se torna evidente a importância da sua função. O psicólogo deve auxiliar e acolher tanto os praticantes da equoterapia, quanto a equipe profissional. Para esse acolhimento é fulcral que haja investimentos em recursos humanos qualificados, precisando ser proporcional à quantidade de pessoas que são beneficiadas pelo atendimento psicológico nessa prática. O profissional de saúde mental trabalha com um conjunto de variáveis e temáticas do contexto social que cerca o praticante. São algumas dessas variáveis pertinentes: conscientizar a família de ter uma participação constante e orientá-la de acordo com as dificuldades que a permeia, encaminhamento psicológico, incentivar a reabilitação do sujeito, instigando o desenvolvimento de sua cognição, socialização, auto-estima, independência, autonomia e autoconhecimento. Adiciona-se ainda no trabalho do psicólogo a avaliação do praticante, levantamento das necessidades e potencialidades, contato e aproximação do praticante com o cavalo, planejamento da sessão, estimulação do desenvolvimento da capacidade de enfrentar novas situações e de tolerar frustrações.

Diante disso, evidencia-se que o psicólogo possui uma demanda muito grande em sua prática, pois além de trabalhos que concernem à sua função, passam a executar ações de outras especialidades pela carência de profissionais da área. Essa problemática dificulta o reconhecimento do seu foco de atuação, acarretando assim, a não potencialização de suas intervenções, além de dificultar que o mesmo possa maximizar a sua qualificação e competência. A questão da carência de especialistas é advinda da equoterapia ser naturalmente um instrumento de altos investimentos. Outro ponto que dificulta a realização

das ações específicas do psicólogo diz respeito à falta de materiais científicos voltados na área da psicologia na equoterapia. Por isso, é necessário que os pesquisadores vinculados a esse tipo de terapia voltem seus olhares para essa temática, a fim de conseguir elaborar uma teoria que apoie uma prática mais eficaz e capaz de diminuir as problemáticas recorrentes.

REFERÊNCIAS

BARETTA, Rafaella Andressa; SEHNEM, Scheila Beatriz. O processo psicoterapêutico da equoterapia. **Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos**, p. 115-128, 2018. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/18850/10474>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BUENO, Rovana Kinas; MONTEIRO, Mariliane Adriana. Prática do psicólogo no contexto interdisciplinar da equoterapia. **Vivências: revista eletrônica de extensão da URL**, v. 7, n. 13, p. 172-8, 2011. Disponível em: <http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_013/artigos/artigos_vivencias_13/n13_19.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.

FERRARI, Juliana Prado. **A prática do psicólogo na equoterapia**. 2003. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Universidade Presbiteriana MacKenzie-Faculdade de Psicologia, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/rehabilitacion-equino/psicologia.pdf>. Acesso em 17 mar. 2021.

GONÇALVES, Rose Helen Ribeiro. **Equoterapia e Psicologia: um estudo sobre o papel do psicólogo nessa prática**. 2007. 55 p. Relatório de Pesquisa (Bacharel em Psicologia)- Universidade Paulista, Manaus, 2007. Disponível em: <http://equoterapia.org.br/media/artigos-academicos/documentos/25031143.pdf>. Acesso em 17 mar. 2021.

PIEROBON, Juliana C. Marchizeli; GALETTI, Fernanda Cristina. Estímulos sensório-motores proporcionados ao praticante de equoterapia pelo cavalo ao passo durante a montaria. Campo Grande: **Ensaio e ciência: Ciências Biológicas, agrárias e da Saúde**, v. 12, n. 2, p. 63-79, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/260/26012841006.pdf>> . Acesso em 26 mar. 2021.

SILVA, Amanda Fontes; DA SILVA, Roberta Barbosa. O Papel da Psicologia na Equoterapia: Uma Clínica Extra Muros. Rio de Janeiro: **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, v. 7, n. 2, 2017. 8-16. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RFEU/article/view/1159>> . Acesso em: 16 mar. 2021